



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17832 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

PERFORMANCE IMPROVISATIVA EM PESQUISAS DE CURRÍCULO: ACERCA DA CONSISTÊNCIA PÓS-QUALITATIVA

Augusto Flavio da Silva Roque - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Maria Inez da Silva de Souza Carvalho - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PERFORMANCE IMPROVISATIVA EM PESQUISAS DE CURRÍCULO: ACERCA DA CONSISTÊNCIA PÓS-QUALITATIVA

1 PREAMBULARES

As linhas de escritura que se espraiam a partir daqui, encorpam uma pesquisa de doutorado já qualificada, em torno dos dilemas e implicações nos cotidianos quando a negociação de enunciados comuns de economia influi em teorias de currículo. Tal pesquisa, está delimitada nos limiares entre os gradientes pós-moderno, pós-estrutural e pós-colonial, assim politicamente contaminada, ao longo dos trânsitos pelos grupos de pesquisa em educação onde foi hospedada no mestrado (UNEB), e doutorado (UFBA).

O correr do curso desta investigação deriva da percepção de rastros comuns nos discursos em torno da economia em currículos, que embora situados em diferentes fronteiras da produção acadêmica: entre o materialismo-histórico e a fenomenologia (FREIRE, 1996); entre estruturalismo e narrativas pós-estruturais com traços fenomenológicos (BALL, 2010); e mais acentuadamente no espectro pós-estrutural e pós-colonial (MACEDO, 2022a; 2022b) – traduzem relações econômicas em enunciações patológicas, respectivamente como bancarização da educação; controle; e contágio político neoliberal.

Com essa paisagem em perspectiva, passagens pelos territórios da esquizoanálise (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), e admitindo à economia consistência ético-políticos (SEN, 1999), pensamos então em diferir dos sentidos patológicos para compor o seguinte dilema de

pesquisa: seria possível e prudente imunizar os itinerários de currículo na formação de professores de agência/mentos econômicos?

Como ficará mais explícito adiante, o posicionamento de nossos textos nas adjacências do rigor pós-qualitativo (ST. PIERRE, 2018; 2019), encoraja enfraquecer os fundamentos dogmáticos na dualidade sujeito-objeto em termos metodológicos, e desse modo, a formulação de objetivos evidentes jogaria contra a consistência do nosso discurso. Mas à propósito de delimitar a ambiência em que está situada a composição dos conceitos e proposições ainda em curso, compartilharemos algumas pistas que emergiram até aqui:

- o ímpeto de tentar imunizar os currículos do discurso econômico é heroico, e na micropolítica do heroísmo, espreitam devires patológicos;
- a economia é uma força com vetores vitais e estilo viral que tensiona e contagia o cotidiano de formação, entorno da qual gravitam diversos discursos de currículo que simpatizam nas cercanias de uma noção patológica comum de economia, mesmo quando situados em territórios dissimétricos da produção de conhecimentos.

A respeito desses agência/mentos, pactuamos na órbita de enunciar a economia em diferimento a tratamentos narrativos originários e essencialmente patológicos, quiçá, frutos de apostas no estilo remissão edipiana (DELEUZE; GUATTARI, 2011a). Mas admitimos que podem haver capturas e organizações mórbidas, obsessivas, que invadem a fronteira ontológica maquinadas com enunciações econômicas, caso do professor economista André Roncaglia de Carvalho ^[1], que costuma se referir ao capitalismo como um vírus; assim como o filósofo Jean-Luc Nancy (2020) combina o termo “neoviralismo”, para se referir à doutrina neoliberal na atualidade.

Mas se nos aliamos a Donna Haraway (2021) para hospedar o vírus enquanto “companheiro” ancestral, ou nos vinculamos espiritualmente ao estilo franciscano para acolher: o ‘irmão vírus’ –, o que pesa é admitir em limiar “micropolítico” (DELEUZE; GUATTARI, 2011c), uma reversão de fluxo que acessa uma alteridade de sentidos possíveis nos vetores virais, ou seja, que assim como biotecnologias vacinais negociam modificações em corpos virais para induzir respostas imunes em hospedeiros, talvez seja possível “hospedar” condicionalmente em currículos (DERRIDA, 2003), discursos econômicos com diferimentos imunológicos: desonerados de contaminações que endossam censuras à estratégia dos modos de vida virais inoculadas nos enunciados de “controle” com valores de ordem trágicos, que induzem na ambiência curricular suposições de organizações estruturais com uma espécie de imunodeficiência econômica; e desobrigados da compulsão por dispositivos analíticos de culpabilização crítica, uma vez mais, edipianos?

Não tem culpa original os vírus, não tem culpa fundamental a economia. E aliás, a política do discurso é um conjunto de investimentos: de tempo, energias, valores, interesse, atenção, libido, sociabilidade, revoluto, crítico e clínico, salutogênico; e ainda, um arranjo de gestos logísticos, arquitetônicos, urbanísticos, que distribuem espaçamento, entre-lugares,

demarcações, fronteiramentos, que erguem muros, mas também pontes, esboçam territórios.

Já Vitruvius (2019) na *Época Clássica*, não ignorava que a gestão cotidiana dos constructos tende a resvalar em manejo econômico dos recursos à disposição no momento. Que estejamos no plano de consistência dos edifícios linguísticos, pouco importa, por contágio com o estilo deleuziano – pouco afeito a metáforas –, diremos que em nossa pesquisa “as operações lógicas são também operações físicas” (DELEUZE, 2013, p. 24), logo, o manejo construtivo da escritura, do discurso, da escala irremediavelmente a procedimentos economicamente contaminados.

Jacques Derrida (1973, p. 29), aborda a “diferência” na tez de um “conceito econômico designando a produção do diferir, no duplo sentido desta palavra”. E na medida em que Gilles Deleuze (2011a, p. 30) ex-põe a esquizoanálise no plano de uma análise “libidinal-econômica, libidinal-política”, enunciamos ao menos aqui, uma mixagem onde toda emergência política na construção de discursos, para diferir e mesmo, memetizar, será político-econômica, ou, micropolítica (DELEUZE; GUATTARI, 2011c).

2. AMBIÊNCIA DE PESQUISA EM CONSISTÊNCIA PÓS-QUALITATIVA

Entrementes, o segmento dessa pesquisa escolhido para tomar/ocupar este resumo, é, portanto, o que seria convencionado chamar de “capítulo metodológico”, oportuno por se tratar de um arranjo singular de procedimentos para a performance de escrita da nossa pesquisa, como cabe às investigações que enveredam pela consistência pós-qualitativa (ST. PIERRE, 2018; 2019), que sugere diferir dos habituais pressupostos, argumentos, dispositivos e instrumentos de pesquisa validados pelas tradições empírico-analítico e qualitativa, em sentido a princípios individuantes de enunciação técnica.

As preambulações iniciais suportam ainda gravidades econômicas no encadeamento técnico da pesquisa. E quando deslocada a ideia do “como” metodológico a uma “arte da fazer” (CERTEAU, 2014), é sustentável especular que a individuação de princípios técnicos ingresse o plano do estilo, onde Pierre Bourdieu (2022, p. 25) consigna que, “o que circula no mercado [das trocas linguísticas] não é ‘a língua’, mas discursos estilisticamente caracterizados”, que implicam o trançado da escritura.

Com esses tons, propomos a rigor que um conjunto de maquinações técnicas, eventualmente até metodológicas – textual em ambos os gêneros –, tanto está implicado com um estilo, quanto compõe estilos de pesquisa com intersecções em uma pragmática, e de todo modo é um agência/mento, que outrossim, é conceito para movimentações do pensamento com performance logística, na medida em que procede por: distribuição, emissão, trocas, permutas, câmbio, passagens, disposição, arranjo, organização, atos e gestos nas edificações discursivas.

Neste ponto, costeamos Roland Barthes (2020) e Jacques Derrida (1973) para

propormos que não há pesquisa fora de escritura, dado que a lógica aplicada ao jogo método-sujeito-objeto, é tanto um paradigma de pensamento pressuposto que separa mente e corpo, quanto perfaz um constructo de estilo somático-compartimentado de escrita, modo-modelo, que categoriza o corpo de qualquer investigação em termos de evidência, análise, síntese e enumeração, traduzidos posteriormente em um sistema técnico universal bastante conhecido: problema; hipótese; objetivos; justificativa; revisão teórica; cronograma; e conclusão.

Pairam fortes rastros dessa aplicação lógica no *Manual de estilo acadêmico* (LUBISCO; VIEIRA, 2019, p. 29. Grifo nosso), que objetiva instrumentalizar a tarefa do pesquisador na jornada acadêmica, “até a redação do seu trabalho, [de modo que] atue de forma racional e sistemática, chegando a um produto tecnicamente normalizado”. A título de apresentação do manual, o professor Edivaldo Boaventura (Idem, p. 27) diz que se valeu de outras duas obras análogas para o ajudar a escrever *papers*, relatórios e tese: *A manual of style* [Um manual de estilo] da Universidade de Chicago; e o livro *Form and style* [Forma e estilo], de William Campbell e Stephen Ballou. Como manual prescritivo, o estilo acadêmico é inibidor da alteridade estilística como ordem de sobrecodificação hiper formalista (DELEUZE; GUATTARI, 2012), e ao exercer presunção de enquadramento compulsório é autoritário, vide Roland Barthes (2017) em torno da política das línguas.

Pois bem, estilo nas artes, ciências e também na filosofia. Segundo Gilles Deleuze (2013, p. 180): “os filósofos são também grandes estilistas”, e “o estilo em filosofia é o movimento do conceito [,] (...) uma variação da língua, uma modulação, em uma tensão de toda a linguagem em direção a um fora” (Idem, p. 180). Nessa mesma toada, algo nos soa *sui generis* quando Deleuze especula que “o estilo, num grande escritor, é sempre um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência” (Idem, p. 130).

Portanto, se a existência da pesquisa é virtualmente inseparável da atualidade vital da escritura, encorpa aí um modo-diferimento que hospeda outros possíveis “como-fazer”. E admitidos princípios de multiplicidade na maquinação poética (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), é através do estilo que a investigação acede à fuga da mesmidade normativa para se enunciar potente e devir-suscetível, com acessos arteriais que encarnem o fluxo incidental dos acontecimentos no plano investigativo, no corpo-de-texto.

Todavia, a fabulação que atribui contextura ontológica à escrita (DERRIDA, 1973; DELEUZE; GUATTARI, 2011a), é requisitada no ingresso ao limiar pós-qualitativo, que reclama consistência na medida em que a organização das pesquisas qualitativas não é suscetível às enunciações de ontologia inscritas no gradiente pós-estrutural. Se para o organismo qualitativo o sujeito tem peso relevante, bem pouco importa ao plano esquizoanalítico, onde Deleuze e Guattari (2011a, p. 10) preferem lidar com os acontecimentos nas/das multiplicidades, “que são as hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito)”.

Em tom mais explícito: enquanto para o organismo qualitativo a voz é substância da autenticação da presença do sujeito, soberana, para a qual instrumentos como a entrevista ou grupos de diálogo se formam necessários; o corpo pós-humano pode ter escuta diferente através de rastros, marcas e gestos heterogêneos, narrado sem entrevistas, aliás, seria até esdrúxulo dizer: “vou entrevistar um corpo” – independente qual corpo seja. Mas ao passo que no rigor qualitativo corpo é suporte para a história dos sujeitos, na consistência pós-qualitativa corpo de jeito algum é um apenas outro nome de instrumentalização ontológica.

O itinerário produzido até aqui, busca entremeios às tramas teorizadas por Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo (2011, p. 41), para exprimir “rejeição ao realismo [formal] e aceitação do caráter discursivo da realidade” junto à construção performativa de sentidos nas regulações de currículo.

“Simplesmente um texto” (Idem, p. 37), o currículo e os procedimentos agenciados para o compor, e com ele compor, na ambiência pós-estrutural diferem de uma captura discricionária do real-material-concreto convertida em sentidos de verdade última, definitiva e prescritiva, outra volta, “constroem, criam um sentido de ser do currículo” (Idem, p. 40). E a se admitir tal proposição em ressonância performativo-enunciativa no ser-texto, outrossim, o ser-pesquisa, essas máximas suscitam deriva ética das escrituras curriculantes às tentações de poder irrestrito.

Aventamos uma dimensão pós-colonial para imprimir intensidade dissidente às pesquisas de currículo. O prefixo “pós” é negociado com Homi Bhabha (2013), e não indica uma superação épica da colonialidade, pretensão que desliza fácil à aporia, impotência em estilo trágico, mas rasuras intersticiais adjacentes entre um aquém e outro acolá, na cosmovisão nagô, gestos táticos que tramam sentidos que procedem da ancestralidade à descendência (SODRÉ, 2017).

Enfim, pactuamos ainda com o conceito de “cosmotécnica” do pensador chinês Yuk Hui (2020), para hospedar o acesso a outros modos, outras artes, que fogem aos selos canônicos de certificação moderna do conhecimento, e funcionam como modos de vida descentrados, para induzir uma torção enunciativa que admita descentramentos técnicos em pesquisas de currículo.

3 PRINCÍPIOS PARA UMA ARTE DE FAZER PESQUISA IMPROVISATIVA

A tomar as proposições Morten Christiansen e Nick Chater (2023), é possível remixar uma arranjo enunciativ em que já a linguagem é organizada em torno de sucessivos e incidentais jogos de improviso na comunicação, até o momento em que são pactuados como norma conjuntiva. A improvisação – aqui dissimétrica a um “fazer malamanhado”, mais próxima a procedimentos artísticos, invenção –, é valor criativo na escrita curricular.

A partir daí, compomos uma série de princípios incidentais de regulação para implicar os jogos improvisativos da performance de escrita, que podem ser conectar aleatoriamente como arranjos de blocos dissimétricos em combinações e procedimentos têm nos permitido traduzir devires conceituais, proposições e funções de currículo, em sensações de curriculantes. A seguir, alguns desses princípios:

Olhar estradeiro – derivado do encontro com as técnicas de *road movie* [filme na estrada], fleta com a imprevisibilidade e com encontros que ocorrem nas margens;

Modulações menores – dispõe sobre variações e variedade de povoamento no discurso curricular, com enunciações periféricas;

Plagicombinação – dá acesso a pactuar parcialmente negociações e alianças entre discursos localizados em lugares diferentes, por procedimentos de mixagens na escrita, como samplings, edições, remixes, *drops*, etc...

Irremissibilidade e Ambiência – que tem a ver com produzir ruídos ao invés de evitá-los, para complexificar discursos em currículo; hospedar dissonâncias; e cuidar de evitar a remissão mútua entre diferenças, que tende a sobre-codificações de narrativas, invisibilização e apagamento;

Dissimetria – princípio que busca rachar as noções canônicas de simetria e assimetria clássicas da panaceia humanista fundamental, em direção a composições pós-humanas.

Ecosofia – princípio que atribui força gravítica na ambiência dos discursos a implicações ambivalentemente econômico-ecológicas;

Embodiment e tradução somática – conceitos que transitam entre um encorpar imersivo na pesquisa, portanto, suscetível às percepções e estímulos que afetam a sensibilidade, virtualmente traduzíveis em sensações no corpo-de-texto;

Crítica e clínica – dar acesso ao que dói, acomete, contamina, contagia; relaxar, procrastinar e observar resiliência; resistir sem-ação; fazer gestos compassivos; produzir performances patéticas; fazer troça da seriedade na educação, sintoma da autoridade e tiranias, mesmo quando expostas em si, devir-micropolítico; rir em palavras, e as agenciar para pôr a rir; se colocar em vulnerabilidade para que o discurso remanesça suscetível aos afagos da alteridade;

Anti-épico – desacelerar qualquer ímpeto heroico de superação, que encaminhe o discurso curricular para um estilo trágico, excessivamente humanista e determinístico, com soluções grandiloquentes, replicantes, prescritivas e que exijam alta performance do espírito; astucioso e espirituoso, um discurso que seja marginal, mas não seja heroico.

4 ARREMATAS E ARREMEDOS

Ao invés de uma pesquisa sobre arte, uma pesquisa com arte, que se valha de improvisos, astúcias, táticas e procedimentos artísticos, para compor com a escritura no corpo-de-pesquisa, um estilo alterativo para tentativas discursivas curriculantes, aqui, desobrigadas de performar o protocolo heroico de imunização dos currículos da ambiência econômica, eis o nosso desejo.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BALL, S. J. Fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**. V. 35, N. 2, mai./ago. UFRGS, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15865>

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2017.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHRISTIANSEN, M. H.; CHATER, N. **O jogo da linguagem**: a improvisação que mudou o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, J. **Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARAWAY, D. **Manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias do currículo**. São Paulo, Cortez, 2011.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 6. ed. rev. e ampl. Salvador2: EDUFBA, 2019.

MACEDO, E. **Canal Pedagogia UFAL**. IX Seminário de estágio supervisionado: políticas educacionais, currículo, formação docente e seus [não] lugares. Youtube. Arapiraca: UFAL, 2022a. Disponível em: <https://youtu.be/d5BZ4GZ2Yio>

MACEDO, E. **Canal Colóquio Internacional de Currículo**. Por outros projetos políticos de currículo: possibilidades e perspectivas formativas educacionais na América Latina. Youtube. 2022b. Disponível em: <https://youtu.be/SnbpXFFz9lw>

NANCY, J. L. Du néolibéralisme au néoviralisme. **Libération**. Opinions. Liberation.fr. Site. França. 2020. Disponível em: https://www.liberation.fr/debats/2020/05/10/du-neoliberalisme-au-neoviralisme_1787957/?fbclid=IwAR0pmh4vwuJGIKMgyvkfG7uOzXCg6gbzRyzWTzonjuP0HkbQRLGobUXn_I

SEN, A. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ST. PIERRE, E. A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa. Trad. Felipe Aguiar. Ponta Grossa: **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12475> Acesso em: 24/08/2024

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Post Qualitative Inquiry in an Ontology of Immanence. **Qualitative Inquiry**. Vol. 25, p. 03-16. SAGE Publications, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077800418772634?icid=int.sj-full-text.similar-articles.5> Acesso: 24/08/2024

VITRÚVIO. **Tratado de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

[1] Mais conhecido apenas como André Roncaglia, é professor de Faculdade de Economia da UnB e recentemente indicado pelo Ministério da Fazenda (2024), para assumir a direção-executiva do Brasil no Fundo Monetário Internacional. Assim enuncia “vírus do capitalismo” ao longo de alguns vídeos em seu Canal de Youtube: <https://www.youtube.com/@andreroncaglia>.